

Ao maior artista do exagero — T. B.

«O xadrez é uma atividade em que se gastam muitas horas por dia,
usando nossas melhores capacidades intelectuais e criativas,
para imaginar como o outro jogador irá sair para nos pegar.
É um exercício constante da faculdade paranóica.»

Tim Redman

«Se uma corda é fixada no início, é para
que o herói se enforque nela no fim.»

Princípio dos formalistas russos

1.

Depois de quase dez anos tomando notas para um romance inacabado e decidido a não publicar mais livro nenhum, tentei fugir para a Inglaterra por uns tempos, como se diz, antes que o Brasil e a própria literatura me enlouquecessem. Semanas antes de chegar ao saguão do aeroporto eu havia tomado a decisão de que não terminaria o romance, não há volta, não vou escrever o livro, e uma mistura de alívio e desespero tomou conta dos meus pensamentos. Quase dez anos trabalhando nas minhas anotações, com aquela estúpida certeza de que o que eu escreveria seria de alguma forma especial, diferente, prodigioso. Sentamos para escrever e achamos que as nossas palavras têm propósitos, que elas acrescentarão alguma coisa a este mundo naufragado de informações, até que nos damos conta de que na verdade nossas palavras também não prestam para nada, e às vezes precisamos

entrar em colapso para nos darmos conta disso. Acontece que nos isolamos de tudo e de todos para escrever o nosso livrinho, como gostamos de apresentá-lo: «livrinho», para colocar as boas ideias no papel, até cairmos na realidade e percebermos que nunca conseguiremos escrever a obra, que desperdiçamos décadas e décadas numa empreitada inútil. O que eu experimentei no saguão do aeroporto foi basicamente o mesmo que senti quando ao completar trinta anos me liberei de toda a minha biblioteca. Joguei todos os meus livros no lixo, sem pensar, sacos e sacos com obras que seriam consideradas importantíssimas por muita gente, e à noite eu me debruçava na sacada da varanda para ver os garis jogando Twain, Austen, Machado de Assis, Conan Doyle, Lispector, Mendes Campos, Sá-Carneiro, Wells, Plath, Borges, Bukowski, Sérgio Porto, Asimov, etcétera, no triturador do caminhão. O barulho ensurdecedor do veículo fedorento e a gritaria dos apressados garis enquanto trituravam a minha biblioteca inteira combinavam perfeitamente com a natureza agressiva do funeral daqueles meus antigos autores favoritos, disso me dou conta agora. No entanto, assim que atravessei o chamado luto literário, senti um profundo vazio, um vazio que costumamos sentir quando perdemos algo ou alguém de extrema importância para a nossa própria sobrevivência. Ia de visita a Londres, como estava dizendo, fugiria por um par de meses com a ideia fixa de

conhecer os subúrbios daquela cidade e talvez rodear a antiga casa do escritor J. G. Ballard — ou seja, espiar a região de Shepperton. Sempre tive essa obsessão por Ballard, e acreditava que estar perto de onde ele vivera poderia de alguma forma exorcizar as minhas vontades de literatura, mas sou obrigado a dizer comigo que foi uma tremenda estupidez pensar dessa forma, azucrinar a memória do sr. Ballard com minhas inseguranças penosas. Enquanto aguardava a voz robótica e reverberada que anunciaria o embarque do meu voo, sentei-me numa daquelas horrorosas cadeiras metálicas de aeroporto e fechei os olhos. Numa espécie de delírio à Des Esseintes, pois que na tarde anterior eu tinha justamente terminado minha releitura de «Às avessas», esquisito romance de Joris-Karl Huysmans que, como se sabe, tem o desaparefusoado e já citado Des Esseintes como protagonista, numa espécie de delírio «huysmânico», portanto, fechei os olhos e imaginei como poderiam ser os meus primeiros momentos em Londres: mostro ao taxista que ficarei hospedado no Premier Inn, Waterloo, o taxista é, digamos, um homem grisalho dedilhando o endereço do Premier Inn na tela oleosa do GPS, e enquanto o automóvel preto com estilo retrô acelera e freia ao capricho do caótico trânsito londrino, observo as plaquinhas que sinalizam as ruas da cidade, todas elas adornadas pela tipologia «Univers» do designer de caracteres Adrian Frutiger; dentro desse táxi imagi-

nário lembro-me então de um agradável instante em que passei sozinho na cozinha do meu apartamento brasileiro sem pensar em nada além da tipologia que utilizaria no meu novo livro, e que a capa com certeza traria alguma letra desenhada pelo sr. Frutiger, e essa lembrança dentro do delírio «huysmânico» me inquieta, sinto falta do livro, de escrevê-lo, de arquiteté-lo, não quero mais abandoná-lo, e assim que chego ao Premier Inn do delírio peço ao também taxista do delírio que me espere um pouco, vou correndo até à recepção e cancelo minha hospedagem alegando desarranjo mental ou algo dessa natureza, daí o taxista me leva de volta ao aeroporto Heathrow, onde eu compro passagem para o Brasil, e, no dia seguinte, digamos às 9h40 da manhã, embarco novamente numa aeronave, agora decidido a levar a cabo minhas anotações, sem demora, transformá-las num livro de uma vez por todas — foram essas as observações oníricas que atravessaram os meus pensamentos ao refletir, ainda no Brasil, a respeito da minha hipotética chegada a Londres. Ora!, que atitude absurdamente intempestiva essa de tentar fugir para a Inglaterra, pensei enquanto de súbito me levantava da cadeira metálica do saguão do aeroporto e caminhava até à saída munido de mala pesada e mochila tamanho médio, brincando com a sorte, para falar na linguagem comum, pois muito provavelmente não me deixariam embarcar no avião com tanto peso (mala pesada, mochila média),

ainda mais num avião britânico. De certeza pediriam que eu voltasse e despachasse pelo menos a mala, causando assim, sem dúvida, grandes transtornos, talvez até mesmo atrasando o voo para Londres, fazendo com que os passageiros sentados nas respectivas poltronas se aborrecessem, balbuciassem injúrias variadas, levantariam as mãos para o alto e perguntariam indignados, e com certa razão, para a comissária de bordo o porquê daquele atraso todo, por que diabos aquela aeronave não decolava, e a comissária de bordo ajustaria no próprio busto o broche da companhia aérea, num claro sinal de perplexidade, não conseguindo explicar o motivo de tanto atraso, apenas se desculparia com os passageiros, pediria paciência, oferecendo-lhes água, suco, uísque, algo para beber etcétera. Uma atitude ridícula, portanto, procurar a casa de Ballard em Shepperton em busca de exorcismo literário, quando, nunca é tarde dizer, eu apenas tentaria encontrar qualquer pretexto para continuar meu maldito livro, pensei enquanto voltava para o meu apartamento, desistindo de vez da viagem a Londres, uma viagem completamente sem pé nem cabeça. Odiamos o nosso livro e queremos nos ver livres dele bem depressa, mas isso não é possível, o livro nos persegue, como um palhaço travesso que gosta de atazanar. À medida que recolocava minhas roupas no armário do meu quarto, com o sol alaranjado do fim da tarde invadindo as frestas da persiana, de ânimo recobrado, disse a

mim mesmo que escreveria um romance moderno, um romance sobre o nada, sobre a inércia, sobre os velhos que ficam sentados na orla das praias vendo a morte passar, senhoras e senhores que pensam «trabalhei a vida inteira, e pra quê?», e também escreverei sobre adultos de meia-idade que querem mostrar para toda a gente que são seres antenados, seres que acompanham a evolução tecnológica dos nossos dias, e levam seus telemóveis e tablets para todos os cantos, como se precisassem dizer de alguma forma: vejam como eu não parei no tempo, vejam como sou uma pessoa moderna, como se tivessem a necessidade de dizer: vejam como consigo me virar com os meus telemóveis e meus tablets, vejam como a tecnologia e eu fornicamos apropriadamente. Minhas anotações se transformariam, enfim, num livro e o seu formato lembraria um enorme e horroroso edifício suburbano — à moda Pruitt-Igoe.